



AS INTERAÇÕES INTERESPECÍFICAS NO FILME *O PAGADOR DE PROMESSAS*

Michelly Jacinto Lima Luiz (UFG/NELIM)

Elza Kiko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM)

Abstract: This work is an integral part of the master's dissertation entitled “The Discourse of Religious Intolerance in the film “The Promise Payer” from the Perspective of Ecological Discourse Analysis” (2018). The research focuses on the disharmonic interspecific interactions that result from religious intolerance in the film. The Promise Payer movie that portrays the story of Zé do Burro (Jo of the Donkey), a simple man who makes a promise to Santa Barbara to carry a cross as heavy as Jesus' if the saint heals his pet donkey. Thus, the general objective of the present research is to demonstrate how religious intolerance leads to suffering in its natural, mental and social spheres and how the film is representative in relation to it.

Work Keys - Interspecific Interactions. Religious intolerance. Ecosystemic discourse analysis (EDA).

Resumo: Este trabalho é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada “O Discurso de Intolerância Religiosa no filme ‘O pagador de promessas’ sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica. A pesquisa se debruça sobre as interações interespecíficas desarmônicas que são resultantes da intolerância religiosa no filme. O filme “O pagador de promessas” que retrata a história de Zé do Burro como um homem simples que faz uma promessa a Santa Barbara de carregar uma cruz tão pesada quanto a de Jesus se a santa curar seu burro de estimação. Deste

modo, o objetivo geral da presente pesquisa é o de demonstrar como a intolerância religiosa conduz ao sofrimento em seus âmbitos natural, mental e social e como o filme é representativo em relação a isso.

Palavras-chaves – Interações Interespecíficas. intolerância religiosa. Análise do discurso ecossistêmica (ADE).

Considerações Iniciais

Este estudo pretende analisar e descrever as interações que constituem os discursos de intolerância no filme “O pagador de promessas” (1962), buscando contribuir para ampliar os estudos sobre a interação comunicativa e a importância da relação entre signos linguísticos e signos imagéticos na construção e intensificação dos sentidos no discurso. Em consonância com a análise do discurso ecossistêmica (ADE), este trabalho enfatiza o valor da diversidade para os estudos que contribuem para a compreensão dos fenômenos da linguagem, defendendo o respeito à diversidade cultural e religiosa como uma das manifestações do ecossistema cultural do Brasil.

O filme “O pagador de promessas” (1962) é uma adaptação da obra literária homônima escrita por Dias Gomes, em 1960, e dirigido por Anselmo Duarte. Foi a primeira obra cinematográfica brasileira a concorrer ao Oscar, na categoria de melhor filme estrangeiro, porém, não levou a estatueta, dada a uma produção francesa denominada “Sempre aos domingos”. Contudo, o filme foi premiado em vários outros festivais, conquistando a Palma de Ouro de melhor longa-metragem em Cannes, um dos mais prestigiados festivais de arte. Dessa maneira, podemos perceber que o filme teve uma grande repercussão não somente no Brasil como também no exterior, o que contribuiu para que ele pudesse cumprir seu objetivo político-social de denunciar e criticar as manifestações de preconceito ocorridas naquela época. Estas, como já dito, não diferem muito das que acontecem na atualidade.

O filme “O pagador de promessas” retrata a história do embate ideológico entre o padre Olavo (representado por Dionísio Azevedo) e o protagonista Zé do Burro (representado por Leonardo Villar). Em síntese, a obra narra a história de Zé do Burro, que faz uma promessa a Santa Bárbara para alcançar a cura de seu burro de estimação e, ao conseguir a graça almejada, inicia sua jornada. Após caminhar sete léguas ao lado de sua esposa (representada por Glória Menezes), se depara com a escadaria da Igreja de Santa Bárbara, em Salvador.

ECO-REBEL

Na tentativa de pagar sua promessa, narra ao padre que havia feito uma promessa a Santa, em um terreiro de candomblé, na qual prometia que, caso seu burro de estimação se curasse, ele carregaria uma cruz tão pesada quanto a de Cristo até a Igreja de Santa Bárbara, além de dividir suas terras com os demais lavradores da região. Entretanto, o padre não permite a entrada de Zé do Burro na igreja, por sua promessa ter sido realizada em um terreiro de candomblé. Zé tenta insistir, mas a polícia é chamada ao local e tem início um embate entre ela e os capoeiristas que buscam defender o protagonista. No meio da confusão, Zé é atingido por um tiro e seu corpo é levado sobre a cruz para dentro da igreja.

Este trabalho defende a hipótese de que o sofrimento em suas esferas natural, mental e social é causado pelas disjunções culturais e pela não aceitação da diversidade, decorrentes da intolerância religiosa, o que pode ser atestado pelas análises das interações comunicativas dos recursos fílmicos. Para provar a hipótese, o objetivo desta pesquisa é o de demonstrar como a intolerância religiosa conduz ao sofrimento em seus âmbitos natural, mental e social, via mitos e símbolos tralhados na obra. Para isso, recorreremos, como norteador desta pesquisa, aos pressupostos teóricos da Análise do Discurso Ecológica, trabalhados por Couto, nas obras *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente* (2007) e *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos* (2016). Além disso, alicerçamo-nos no livro *Análise do Discurso Ecológica* (2015) proposta de Hildo Couto, Elza do Couto e Lorena Borges.

1. Análise do Discurso Ecológica

A Análise do Discurso Ecológica (ex-Análise do Discurso Ecológica) está inserida no contexto da linguística ecossistêmica, vertente da ecolinguística praticada no Brasil. A ADE baseia-se em uma visão ecológica do mundo (VEM), que se define “pela busca por ressaltar a diversidade, a cooperação, a harmonia e a tolerância como formas de bem-estar e bem conviver em comunidade, negando a centralidade dos poderes que venham assujeitar, explorar, discriminar ou oprimir” (NOWOGRODZKI *apud* MACHADO 2016, p. 90). Assim, a ADE busca encontrar caminhos que reduzam o sofrimento e lutem pela manutenção da vida.

Como a ADE é a aplicação da Linguística Ecológica, ela utiliza os mesmos pressupostos teóricos da Ecologia biológica, empregando-os de forma não metafórica. Esses

ECO-REBEL

conceitos são os de ecossistema, adaptação, evolução, diversidade, abertura, holismo, interação comunicativa e comunhão.

O ecossistema é um conceito basilar tanto na Ecologia quanto na ADE. Quando aplicado à língua, temos o ecossistema integral da língua (EIL), formado pelo povo (P), pelo território (T) e pela língua (L), havendo uma inter-relação entre esses três elementos do EIL. Para que haja L, é necessário que exista um P, cujos membros vivam e convivam em um T (COUTO, 2007). Portanto, tanto a Linguística Ecológica quanto a ADE têm como base o ecossistema linguístico e também os ecossistemas que o integram: ecossistema social da língua, ecossistema mental da língua e ecossistema natural da língua.

O ecossistema mental da língua é composto pela infraestrutura cerebral e pelas conexões neurais que operam a partir da aquisição, do armazenamento e do processamento da linguagem. Por sua vez, o ecossistema natural é constituído pelo exterior da linguagem, que inclui não só o território, mas também outros elementos da natureza. Por fim, o ecossistema social é constituído pelo próprio P, organizado socialmente (COUTO, 2007).

Um conceito fundamental para o estudo aqui proposto é o de ideologia da vida ou ideologia ecológica, cujo principal objetivo é a preservação da vida. Essa ideologia não é antropocêntrica, mas sim biocêntrica e, por isso, valoriza a vida de todas as espécies que compõem o ecossistema. Nesse sentido, valorizando a vida, valoriza-se também a diversidade, considerada importante para o fortalecimento do ecossistema, no qual as relações se dão em rede, e não verticalizadas.

Dessa maneira, ao nos depararmos com o filme em análise, percebemos a desvalorização da diversidade cultural, que é uma das causas para a segregação entre indivíduos. A Análise do Discurso Ecológica, além de tentar entender esses conflitos através dos estudos da interação comunicativa, busca caminhos para reduzi-los ou saná-los, amenizando o sofrimento, quando possível, e buscando maneiras de exaltar a manutenção da vida.

2. As interações interespecíficas desarmônicas no filme *O pagador de promessas*

Um dos conceitos mais relevantes da ADE diz respeito às inter-relações ou interações. As inter-relações tratam das interações entre indivíduos de uma comunidade, tanto as ocorridas de forma intraespecífica (que se dão entre indivíduos de uma mesma classe social ou comunidade) quanto as interespecíficas (entre sujeitos de comunidades diferentes). Além disso, podem ser classificadas como harmônicas e desarmônicas. Portanto, se trata de uma das principais

ECO-REBEL

características do ecossistema, pois, para que ele exista, é indispensável que os seres que o compõem interajam entre si e com o meio ambiente que o cerca. Vejamos algumas das interações interespecíficas desarmônicas do filme “O pagador de promessas”.

Recorte 1:

ZÉ DO BURRO: Padre. Padre eu queria falar com senhor.

PADRE: Agora está na hora da missa, mais tarde se quiser.

ZÉ DO BURRO: É que eu vim de muito longe, Padre.

PADRE: (desce a escada em direção a Zé do Burro) Que é que você quer?

ZÉ DO BURRO: Eu andei sete léguas.

PADRE: Para falar comigo?

ZÉ DO BURRO: Não, pra trazer essa cruz.

PADRE: E como a trouxe... num caminhão?

ZÉ DO BURRO: Não, Padre, nas costas.

PADRE: Deixe ver seu ombro. Promessa?

ZÉ DO BURRO: Pra Santa Bárbara. Estava esperando abrir a igreja...

SACRISTÃO: Deve ter recebido dela uma graça muito grande!

ZÉ DO BURRO: Graças a Santa Bárbara, a morte não levou meu melhor amigo.

PADRE: Mesmo assim não lhe parece um tanto exagerada e pretensiosa sua promessa?

ZÉ DO BURRO: Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Quando Nicolau adoeceu, o senhor não calcula como fiquei.

PADRE: Foi por causa desse... Nicolau, que você fez a promessa?

ZÉ DO BURRO: Foi. Nicolau foi ferido, seu Padre, por uma árvore que caiu, num dia de tempestade.

SACRISTÃO: Caiu em cima dele?!

ZÉ DO BURRO: Só um galho, que bateu de raspão na cabeça. Ele chegou em casa, escorrendo sangue de meter medo! Eu e minha mulher tratamos dele, mas o sangue não havia meio de estancar.

PADRE: Uma hemorragia. Venha comigo. (Para o sacristão e os fiéis). Vai, vai, estamos atrasados! Vamos filha, vamos, vamos pra missa! (Para Zé) Então, foi uma hemorragia?

ZÉ DO BURRO: Só estancou quando eu fui no curral, peguei um pouco de bosta de vaca e taquei em cima do ferimento.

PADRE: (risos) Isso é um atraso! Uma porcaria!

ZÉ DO BURRO: Foi o que o doutor disse quando chegou. Mandou que tirasse aquela porcaria de cima da ferida, que senão Nicolau ia morrer.

PADRE: Sem dúvida.

ZÉ DO BURRO: Eu tirei. Ele limpou bem a ferida e o sangue voltou que parecia uma cachoeira. E quem disse que o doutor fazia o sangue parar? Soltou algodão e nada. Era uma sangueira que não acabava mais. Lá pelas tantas, o homenzinho virou e gritou: vai busca mais bosta de vaca, senão ele morre!

PADRE: (risos) E... o sangue estancou?

ZÉ DO BURRO: Na hora. Pois é um santo remédio. Seu vigário não sabia?

PADRE: Não estou interessado nessa medicina. Adiante.

ZÉ DO BURRO: Bem, o sangue estancou. Mas Nicolau começou a tremer de febre, e no dia seguinte aconteceu uma coisa que nunca tinha acontecido: eu saí de casa e Nicolau ficou. Não pode se levantar. Todo mundo reparou porque quem quisesse saber onde eu estava, era só procurar Nicolau. Se eu entrava na missa ela ficava na porta esperando.

PADRE: Na porta? Por que não entrava? Não era católico?

ZÉ DO BURRO: Tendo uma alma tão boa, Nicolau não pode deixar de ser católico. Mas não é por isso que ele não entra na igreja não. É porque seu Vigário não deixa. Nicolau teve azar de nascer burro.

PADRE: Burro?!

ZÉ DO BURRO: De quatro patas.

ECO-REBEL

PADRE: Então esse... que você chama de Nicolau, é um burro?! E foi por ele, que você fez a promessa?

ZÉ DO BURRO: Foi... Pois quando vi que nem as reza do Preto Zéferino davam jeito no pobre Nicolau...

PADRE: Rezas?! Que rezas?!

ZÉ DO BURRO: Seu Vigário, me desculpe... mas eu tentei de tudo. Preto Zéferino é rezador afamado em minha zona: sarna de cachorro, bicheira de animal, peste de gado, tudo isso ele cura com duas rezas e três rabiscos no chão. Todo mundo diz...

PADRE: Esse homem é um feiticeiro!

ZÉ DO BURRO: Como é um feiticeiro se reza pra curar?

PADRE: Não é pra curar, é pra tentar. E você caiu em tentação.

ZÉ DO BURRO: É, só sei que com Nicolau não houve reza que fizesse ele levantar. Já estava começando a perder a esperança. Foi então que comadre Miúda me lembrou: por que não vai ao Candomblé de Maria de Iansã?

PADRE: Candomblé?! Espere um pouco. (Sobe alguns degraus, se distanciando do protagonista). Candomblé?!

ZÉ DO BURRO: É um Candomblé que tem adiante duas léguas da minha roça. Sei que seu vigário vai ralar comigo.

PADRE: Claro. Candomblé é feitiçaria, macumba.

ZÉ DO BURRO: (sobe os degraus até ficar próximo ao Padre novamente) O pobre Nicolau estava morrendo. Num custava tentar. Eu fui. Conte pra Mãe de santo o meu caso. Ela disse que era mesmo com Iansã, dona dos raios e das trovoadas. Iansã tinha ferido Nicolau... pra ela devia fazer uma obrigação, quer dizer: uma promessa. Mas tinha que ser uma promessa bem grande, porque Iansã tinha ferido Nicolau com raio, não ia voltar atrás por qualquer bobagem. Foi então que me lembrei que Iansã é Santa Bárbara e prometi que se Nicolau ficasse bom eu levaria uma cruz de madeira da roça até a igreja dela, no dia de sua festa, uma cruz tão pesada como a de Cristo.

PADRE: (o padre para) Tão pesada como a de Cristo. O senhor prometeu isso a...

ZÉ DO BURRO: A Santa Bárbara.

PADRE: A Iansã!

ZÉ DO BURRO: É a mesma coisa...

PADRE: Não, não, não é a mesma coisa não senhor! Essa confusão vem do tempo da escravidão, os escravos africanos burlavam assim os senhores brancos, fingiam cultuar santos católicos, quando na verdade estavam cultuando seus próprios deuses. Não só Santa Bárbara, muitos santos foram vítimas dessa farsa. Mas continue.

ZÉ DO BURRO: Prometi também dividir minhas terras.

PADRE: Dividir? Com quem?

ZÉ DO BURRO: Com os lavradores mais pobres do que eu.

PADRE: Iguamente?

ZÉ DO BURRO: Sim, Padre.

PADRE: Hum! Ah, sei... Descanse. (Zé coloca a cruz no chão). E o Burro?

ZÉ DO BURRO: Sarou em dois tempos. Milagre. Milagre mesmo. No outro dia já estava de orelha em pé, relinchando. E uma semana depois todo mundo me apontava na rua: “- Lá vai o Zé do Burro com o burro de novo atrás!” (risos). E eu nem dava confiança. Nicolau muito menos. Só eu e ele sabia do milagre. Eu, ele e Santa Bárbara.

PADRE: Em primeiro lugar, mesmo admitindo a intervenção de Santa Bárbara, não se trataria de um milagre, mas apenas de uma graça. O burro poderia ter-se curado sem a intervenção divina.

ZÉ DO BURRO: Como, Padre, se ele sarou de um dia pro outro...

PADRE: Além disso, Santa Bárbara, se tivesse que lhe conceder uma graça, não iria fazê-lo em um terreiro de Candomblé, de macumba!

ZÉ DO BURRO: A capela do meu povoado não tem uma Santa Bárbara. Mas no Candomblé tem Iansã, que é Santa Bárbara...

PADRE: Não é Santa Bárbara! Santa Bárbara é uma santa católica! O senhor foi a um ritual fetichista. E invocou falso ídolo, foi a ele que prometeu esse sacrifício!

ECO-REBEL

ZÉ DO BURRO: Não, Padre, foi a Santa Bárbara! Foi até a Igreja de Santa Bárbara que prometi vir com a minha cruz! E é adiante do altar de Santa Bárbara que eu vou cair de joelho daqui a pouco, pra agradecer o que ela fez por mim!

PADRE: Muito bem, e o que pretende fazer depois de cumprir sua promessa?

ZÉ DO BURRO: Pretendo?!... Voltá pra minha roça em paz com a minha consciência e quite com a Santa.

PADRE: Só isso? Não vai pretender ser olhado como um novo Cristo?

ZÉ DO BURRO: Eu?!

PADRE: Você sim! Você que acaba de repetir a Via Crucis, sofrendo o martírio de Jesus. Você que, presunçosamente, pretende imitar o Filho de Deus...

ZÉ DO BURRO: Padre... eu não quis imitar Jesus...

PADRE: Não é verdade! Eu gravei bem suas palavras! Você disse que prometeu carregar uma cruz tão pesada como a de Cristo.

ZÉ DO BURRO: Sim, mas isso...

PADRE: Isso prova que você está sendo submetido a uma tentação ainda maior. A de igualar-se ao Filho de Deus.

ZÉ DO BURRO: Não Padre.

PADRE: Por que então repete a Divina Paixão? Pra salvar a humanidade? Não, pra salvar um burro!

ZÉ DO BURRO: Padre, Nicolau...

PADRE: É um burro com nome cristão!

ZÉ DO BURRO: Mas Padre, não foi Deus quem criou também os burros?

PADRE: Mas não a sua semelhança. E não foi para salvá-los que mandou seu Filho. Foi por nós, por você, por mim, pela humanidade! Entendeu?

ZÉ DO BURRO: Padre, Nicolau não é um burro como os outros... O senhor não conhece Nicolau, é um burro com alma de gente.

PADRE: Nem que tenha alma de anjo, nessa igreja você não entrará com esta cruz! (vira as costas para o protagonista, e começa falar com os fiéis), Vamos, vamos!

ZÉ DO BURRO: (Zé coloca a cruz novamente sobre os ombros) Padre, escuta! Prometi levar a cruz até o altar-mor, preciso cumprir a promessa.

PADRE: Fizesse então em uma igreja ou em qualquer outra parte, menos num antro de feitiçaria, num terreiro de Candomblé.

ZÉ DO BURRO: Padre, eu não andei sente léguas pra voltar daqui! O senhor não pode fazer isso! A igreja não é sua, é de Deus!

PADRE: Vai desrespeitar minha autoridade?

ZÉ DO BURRO: Padre, entre o senhor e Santa Bárbara, eu fico com Santa Bárbara.

PADRE: (fala para o Sacristão) Feche a porta. Quem quiser assistir à missa que entre pela sacristia. Lá não dá pra passar essa cruz.

No primeiro contato de Zé com o Padre podemos notar que, a princípio, o diálogo se dá em um tom cooperativo e harmonioso, no qual os turnos de fala são respeitados. Eles caminham lado a lado, olhando um para o rosto do outro, o Padre até coloca a mão sobre os ombros de Zé, mostrando empatia. Contudo, quando o protagonista revela que sua promessa foi feita em um terreiro de Candomblé o tom da conversa muda, quebrando a harmonia do diálogo e ocasionando animosidade entre eles.

Esse fluxo interlocucional, protagonizado por Zé e pelo padre, traz à luz a questão do sincretismo religioso no Brasil. O sincretismo é o amálgama de diferentes doutrinas com a intenção de construir uma nova, que conservará as propriedades de todas as doutrinas na qual se alicerça, a

ECO-REBEL

saber: os rituais, as superstições, os processos, as ideologias. No Brasil, se originou com a escravidão e com a imposição dos senhores de escravos de que estes deveriam abandonar suas crenças pagãs e se converterem ao catolicismo. Desse modo, os escravos se viram obrigados a ressignificar as suas crenças, incorporando as imagens dos santos católicos aos seus rituais e relacionando-os aos seus orixás.

Zé do Burro mostra naturalidade diante dessa relação e isso parece claro para o protagonista quando ele diz: “Foi então que me lembrei que Iansã é Santa Bárbara”. O verbo lembrar é um verbo transitivo, que tem por significado trazer à memória. No entanto, só se traz à memória algo que já sabemos, que faz ou fez parte das nossas vivências. O verbo eleito também reforça que para o protagonista as duas divindades são uma só, pois se o pagador não tivesse essa certeza teria usado verbos como “corresponde” e “parece”, mas ao escolher utilizar o verbo “ser” ele enfatiza acreditar que Santa Bárbara é Iansã, dissipando qualquer dúvida sobre sua crença nesse fato.

Jensen (2010) afirma que a Bahia é o local de origem brasileira das religiões de matrizes africanas. Isso posto, compreendemos que, para o povo baiano, essa relação entre as religiões de base africana e o catolicismo é natural, porém, essa conexão entre os dois panteões de divindades não é aceita pelos líderes e fiéis do catolicismo.

Essa não aceitação da relação entre santos católicos e orixás por parte dos católicos fica evidente na resposta do padre a Zé do Burro, na qual ele afirma que “Não, não, não é a mesma coisa não Senhor”. A repetição do lexema “não” nos indica uma tentativa do líder religioso em enfatizar a posição da igreja de negar totalmente esse vínculo entre as divindades. Ao continuar sua resposta, o padre ainda assevera que isso é uma “confusão”, termo que remete à ideia de erro, equívoco. Na escolha dessa expressão, o padre expõe sua opinião sobre o assunto, uma vez que, para ele, essa relação é um erro e, como todo erro, deve ser consertado. Ele explica que isso é um equívoco porque essa relação sincrética resulta da tentativa dos africanos escravizados no Brasil de enganar seus senhores e continuarem prestando culto aos seus deuses.

Para expor essa opinião, vemos que ele utiliza os lexemas “burlavam” e “fingiam”, dois vocábulos empregados em nossa cultura para designar atitudes que não estão de acordo com as regras éticas da nossa sociedade e, ao aplicá-los, ele mais uma vez reforça a ideia de que essa relação é errada. O padre ainda afirma que “muitos santos foram vítimas dessa farsa”. O lexema “vítima” diz respeito a alguém ou a algo que sofreu algum dano ou prejuízo. Logo, na perspectiva

ECO-REBEL

do padre, a Igreja Católica e suas divindades foram prejudicadas por essa relação que ele denomina de “farsa”.

O padre utiliza a palavra “feitiçaria” para adjetivar o candomblé, além do vocábulo “macumba”, que é usado em seu sentido pejorativo. O termo “macumba” é aplicado a diferentes elementos e práticas da cultura afro-brasileira e, no dicionário do folclore brasileiro, é definido como

1) Instrumento musical africano de percussão. 2) Candomblé, correspondente ao xangô pernambucano. Diz-se mais comumente macumba no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, e candomblé na Bahia. Macumba, na acepção popular do vocábulo, é mais ligada ao emprego de ebó, feitiço, coisa-feita, muamba; é mais reunião de bruxaria que ato religioso (CASCUDO, 2000, p. 347).

O lexema “macumba”, utilizado pelo padre para se referir ao candomblé, é empregado em seu sentido pejorativo, como já dito, como sinônimo de reunião de feitiçaria. Feitiçaria, por sua vez, segundo o dicionário *Aurélio* (2009, p. 401), é a “ação maléfica, própria de feiticeiros”. Assim, percebe-se que ele acredita ser o candomblé uma religião ligada ao mal ou que pratica o mal aos outros. Usa-se ainda o termo “ritual fetichista”, que também é aplicado como sinônimo de feitiçaria.

Em suas escolhas lexicais também se percebe o preconceito do padre para com as outras religiões e sua certeza sobre a supremacia da expressão religiosa que ele representa. Isso pode ser constatado na expressão “falso ídolo”. O lexema “falso” é antônimo de verdadeiro e, então, ao utilizá-lo, o padre deixa claro que somente os santos católicos são verdadeiros, excluindo a existência de qualquer outra divindade.

O padre, representante da Igreja Católica no filme, assume uma postura etnocentrista que vai de encontro aos pressupostos da ADE, uma vez que essa teoria defende a diversidade tanto biológica quanto cultural. Conforme Couto (2007, p. 34), no ecossistema, seja ele biológico ou cultural, “para haver certa estabilidade é necessário que haja muita diversidade de espécies. Sua redução pode causar perturbações que, a médio e longo prazo, podem causar o colapso de todo ecossistema. Portanto, quanto mais complexo e diversificado for um ecossistema mais estável ele será”. Desse modo, a concepção do padre é diferente da defendida pela ADE, uma vez que ele acredita que essa diversidade religiosa contribui para a extinção de sua religião, evidenciando uma relação de competição entre as denominações religiosas.

ECO-REBEL

Já o candomblé mostra-se diferente, pois, ao invés de lutar contra o catolicismo, ele buscou dialogar com suas práxis; prova disso é o sincretismo. Os escravos poderiam ter resistido de forma violenta para não ter que abandonar sua religião, porém, por instinto de sobrevivência, optaram por um caminho mais harmonioso: ao invés de combater os santos católicos, conseguiram enxergar nessas divindades semelhanças com as de sua crença, estabelecendo uma conexão entre ambos.

O candomblé é fruto da adaptação das religiões africanas ao novo território de seus adeptos. Couto (2016) afirma que o grupo que não se adapta à evolução, seja ela biológica ou cultural, tende a deixar de existir. Isso pode ser visto no contexto estudado, uma vez que as religiões africanas ainda existem na sociedade atual em decorrência da sua adaptação ao novo cenário que lhes foi exposto.

Outra manifestação de não aceitação do sincretismo religioso por parte do padre diz respeito à figura dos rezadores, que se originaram nas crenças indígenas e são herdeiros dos rituais de cura utilizados pelos pajés e fundidos às divindades católicas. São curandeiros e também são conhecidos como benzedores.

Os rezadores são típicos de regiões afastadas, onde o acesso a médicos é muito difícil; sua prática consiste em curar uma pessoa ou animal doente, fazendo uso de gestos acompanhados de uma prece e, na maioria das vezes, de alguma erva ou raiz que possui poder de cura. Geralmente, são pessoas da comunidade local que recebem o ensinamento das técnicas de curandeirismo dos membros mais antigos da comunidade.

O padre, ao ouvir Zé do Burro falar do rezador, mostra indignação e o denomina de “feiticeiro”, lexia que se refere a pessoas que praticam feitiços. Na cultura popular, feitiço remete ao ato de intervir na vida de outros por meio de um poder oculto. Muitas pessoas acreditam que feiticeiros são pessoas que, em troca de favores, na maioria das vezes financeiros, fazem pactos com Satanás para que se alcance a graça almejada. Assim, quando o padre chama o rezador de feiticeiro, diz que ele é um mediador entre as pessoas e o diabo.

Essa relação de feiticeiro com alguém ligado ao mal pode ser confirmada pela fala de Zé do Burro: “Como é um feiticeiro se reza pra curar?”. Portanto, na concepção do protagonista, alguém que reza a santos católicos em prol da cura de outrem não pode estar ligado ao diabo. Porém, o padre afirma que as rezas feitas por esses benzedores são feitas para “tentar” e, ao utilizar esse lexema, alude à figura de Satanás nos textos bíblicos. Inúmeras vezes encontramos relatos, na *Bíblia*, sobre pessoas que foram tentadas por ele, sendo os mais conhecidos os de *Gênesis*, capítulo

ECO-REBEL

3, no qual o diabo usa a serpente para induzir Eva e Adão a comerem do fruto da árvore do bem e do mal, fazendo com que desobedecessem as ordens de Deus; e de Mateus, capítulo 4, que narra a tentação de Jesus por Satanás após passar quarenta dias e quarenta noites no deserto, sem comer nem beber.

Na visão do padre, todas as outras religiões que não possuem a mesma matriz que a sua são demonizadas e rechaçadas por ele. Essa atitude intransigente leva à intolerância religiosa, à violência e ao sofrimento por parte dos adeptos das demais religiões. Além do sincretismo, o fluxo interlocucional apresentado evidencia uma preocupação do padre em relação às intenções do pagador.

Na concepção do padre, a promessa feita pelo protagonista era muito pretensiosa, pois para um cristão o sacrifício de Jesus é considerado o sofrimento máximo, além de ser a maior prova do amor de Deus pela humanidade. Isso pode ser observado na *Bíblia*, no livro do Apóstolo João, capítulo 3, versículo 16:¹ “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna”.

O padre acusa o pagador de querer “igualar-se ao Filho de Deus”. O verbo “igualar” tem o mesmo significado de estar no mesmo nível e, logo, o sacerdote cristão acreditava que Zé fez essa promessa para se projetar como uma espécie de ícone religioso e, com isso, arrebatar os fiéis para que o seguissem. A própria *Bíblia* traz alertas sobre pessoas que tentariam usurpar o lugar de Cristo, como no livro de Mateus, capítulo 24, versículo 4 e 5: “e Jesus, respondendo, disse-lhes: acautelai-vos, que ninguém vos engane; porque muitos virão em meu nome, dizendo Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos”. Assim, por se sentir ameaçado por Zé do Burro, o Padre não permite que ele entre com a cruz dentro da igreja.

Recorte 2:

PADRE: Aquele homem continua na escadaria?

SACRISTÃO: Continua. E parece disposto a não sair enquanto o senhor não deixar ele entrar.

PADRE: Mas eu não posso deixar ele entrar. Você sabe que eu não posso. Amanhã isso aqui não seria mais uma casa de Deus, mas a casa de todos os falsos ídolos pagãos. Seria o caos. O fim da religião. Ele andou sete léguas com aquela cruz.

SACRISTÃO: O senhor viu o ombro dele? Está em carne viva.

¹ **Bíblia de Estudo Vida abundante.** São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2000.

ECO-REBEL

Ao se referir a Zé como “aquele homem” o padre mostra uma atitude de descaso, tendo usado “aquele” como substantivo para se referir a um indivíduo sobre o qual nada se sabe nem se pretende mencionar. Ademais, demonstra, também, desconfiança a propósito da verdade da história contada por Zé do Burro, pois nada se sabe de sua procedência senão o que ele mesmo relatou ao sacerdote cristão.

A postura da igreja diante da situação de Zé é de intolerância, uma vez que o padre acredita que se deixar o pagador entrar isso destruiria a igreja. A intolerância religiosa é uma expressão que diz respeito a um conjunto de ideologias e atitudes hostis a crenças e práticas religiosas. Pessoas intolerantes não conseguem e não demonstram disposição para reconhecer e respeitar as crenças que se mostram diferentes das suas, isto é, a intolerância religiosa é a falta de respeito para com as religiões das demais pessoas.

Essa falta de respeito, característica da intolerância religiosa, pode ser observada nas escolhas lexicais do padre para se referir às divindades que não compõem o panteão sagrado católico, visto que ele imputa aos deuses do candomblé a expressão “falsos ídolos pagãos”. Nessa perspectiva, podemos afirmar que, em sua concepção, somente as suas divindades são verdadeiras. O vocábulo “pagão”, na concepção cristã, diz respeito a todas as religiões que não são abraâmicas, sendo utilizado também como sinônimo do termo gentio do judaísmo, usado para se referir ao povo que não foi escolhido por Deus, porque, na religião judaica, acredita-se que somente Israel é o povo eleito pelo Senhor.

Segundo Couto (2016, p. 446), “a não aceitação da diversidade implica intolerância, o que pode conduzir à agressividade e à violência, sobretudo contra as minorias de todos os tipos”. Isso é abordado na obra, uma vez que por não aceitar a diversidade religiosa o padre usa palavras agressivas para adjetivar o candomblé, vocábulos que atentam contra a ética da religião afro-brasileira, visto que, ao qualificar os seus ídolos como falsos, afirma que toda religião constituída a partir daqueles deuses também são falsas e enganosas.

Essa atitude intolerante do padre pode ser constatada, ainda, quando ele afirma que se a casa de Deus passar a ser a casa de outros deuses seria o “fim da religião”. Ao asseverar isso, percebe-se que ele acredita que a sua crença é a única religião verdadeira; se fosse o contrário ele usaria a expressão “o fim do catolicismo”, deixando claro que só sua expressão religiosa acabaria, mas, ao usar o termo amplo “religião”, ele dá indícios de que acredita que todas as outras são falsas.

ECO-REBEL

Recorte 3:

REPÓRTER: (Aparece acompanhado do fotógrafo) Lá está ele. (Vai a Zé, enquanto o fotógrafo circula à procura de ângulos. O repórter é vivo e perspicaz. Dirige um cumprimento entusiasta a Zé) Bom dia, amigo! (Aperta a mão do protagonista) Parabéns! O senhor é um herói. Sete léguas carregando esta cruz (calcula o peso). Pesadinha, hein?! Dentro de algumas horas o Brasil todo vai saber, o senhor vai ficar famoso. Quanto deve pesar essa cruz?

ZÉ: Não sei, não pesei.

REPÓRTER: Por menos que pese é um recorde, nesse aspecto podemos considerar um grande feito esportivo, uma prova de resistência física e de dedicação. Mas como nasceu a ideia dessa peregrinação?

ROSA: O burro adoeceu. Então ele fez a promessa de carregar a cruz e dividir o sítio com aquela cambada de preguiçoso.

REPÓRTER: Burro? Que burro?

ZÉ: Por quê? O senhor também vai dizer que meu burro não vale uma promessa?

REPÓRTER: De modo algum! Fabuloso! Repartir o sítio (Repete em voz alta, enquanto anota). O senhor é a favor da reforma agrária?

ZÉ: (Não entende) Reforma agrária? Que é isso?

REPÓRTER: É o que o senhor acaba de fazer com o seu sítio.

ZÉ: E não estou arrependido, moço.

REPÓRTER: (Toma nota) É a favor da reforma agrária. Se o governo desapropriasse as terras não cultivadas e dividisse entre os camponeses?

ZÉ: Era muito bem feito. Cada um deve trabalhar no que é seu.

REPÓRTER: (Toma nota novamente) É contra a exploração do homem pelo homem. O senhor pertence a algum partido político?

ZÉ: Já quiseram me fazer vereador...

REPÓRTER: É, mas desta vez, “seu”...

ZÉ: Zé do Burro, seu criado.

REPÓRTER: ...“seu” Zé do Burro, o senhor será eleito com burro e tudo. E imaginem a volta! A chegada à sua cidade em carro aberto, banda de música, foguetes!

ZÉ: O senhor está maluco? Não vai haver nada disso, não.

REPÓRTER: Vai. Vai porque o meu jornal vai promover. Mas não conceda entrevista a mais ninguém. (Noutro tom) É claro que o senhor terá uma compensação.

ZÉ: (Profundamente contrariado) Moço, o senhor não me entendeu... ninguém ainda me entendeu.

ROSA: Zé.

GUARDA: (Balança a cabeça desanimado) Não consegui nada. E não adianta o senhor ficar aqui; o Padre já disse que não abre a porta e não abre mesmo – eu conheço ele.

REPÓRTER: Ótimo! Assim dará tempo de organizarmos tudo. As entrevistas, as apresentações no rádio... e a sua volta triunfal com batedores e banda de música!

ZÉ: (Muito contrariado) Moço, eu vim a pé e vou voltar a pé.

ROSA: Oxente! Não seja estúpido, homem! O moço só está querendo ajudar a gente.

ZÉ: Então ele que me ajude a convencer o vigário a abrir a porta da igreja.

REPÓRTER: Eu vou já entrevistar o vigário. Carijó, bata mais uma. (Organiza a foto e se dirige a Rosa) A senhora também.

No Recorte 3, é retratado o primeiro contato de Zé e sua esposa com a imprensa. Nesse fluxo interlocucional, Rosa narra ao repórter qual foi a promessa feita por Zé e traz à tona outra parte da promessa do marido, que ele não havia contado ao padre: segundo ela, além de prometer

ECO-REBEL

carregar uma cruz até a igreja de Santa Bárbara, ele ainda prometeu dividir suas terras em partes iguais com os lavradores pobres da sua cidade, que ela chama de “cambada de preguiçosos”.

A terra para os lavradores é basilar, uma vez que é do cultivo da terra que eles adquirem o pão de cada dia. Assim, podemos inferir que Zé partilhou mais do que terra com aqueles agricultores, ele também partilhou o pão, pois deu àqueles homens uma forma digna de adquirirem o sustento de suas famílias. Essa atitude de Zé reafirma o seu bom caráter, o fato de que ele não é um homem ambicioso e em busca de proveito próprio; pelo contrário, ele se mostra benevolente e solidário, características ignoradas pelo repórter.

O repórter, durante toda a entrevista, parece muito animado com a história contada por Zé, está a todo tempo rodeando o protagonista e a cruz de forma a avaliar o relato, se mostra receptivo diante do pagador, tratando-o com muita educação, aparentemente muito solícito diante da saga narrada a ele. Contudo, observamos que ao longo da reportagem ele começa a deturpar as respostas de Zé.

Ao saber que o protagonista carregou a cruz por sete léguas se interessa em saber o quanto ela pesa, pensando em publicar esse feito como um recorde esportivo do personagem. Depois, descobre que o pagador de promessas havia dividido o sítio de forma igualitária com os outros lavradores de seu povoado e o classifica como um adepto da reforma agrária, mas o protagonista nem sabe do que isso trata.

Na década de 1950, que compõe o meio ambiente social retratado no filme, há um embate muito grande em relação à reforma agrária, já que os partidos de direita, formados em sua grande parte por latifundiários, eram totalmente contra, enquanto os partidos de esquerda acreditavam que a reforma era a melhor opção para a industrialização da agricultura no país, além de resultar, também, em mais pessoas ascendendo socialmente. Desse modo, teriam um aumento na renda gerada pela agricultura, já que as terras que não estavam produzindo passariam a ser cultivadas.

Essa luta se tornou cada vez mais forte na década de 1950, principalmente entre os integrantes do Partido Trabalhista Brasileiro, que defendiam que “a estrutura agrária brasileira arcaica está superada e não satisfaz às necessidades da nossa expansão econômica. Todos nós que nos batemos pela emancipação econômica brasileira, estamos certos de que só podemos alcançar nosso objetivo através da industrialização intensiva” (CASTRO *apud* COTRIM, 2013, p. 206).

Observa-se, na fala do então deputado João Castro, do PTB/PE, que naquele momento o foco de luta política era a industrialização e para eles esse objetivo só poderia ser alcançado através

ECO-REBEL

da reforma agrária. Dessa forma, o Partido Trabalhista, juntamente com os demais partidos de esquerda, salientavam que “a industrialização dependia de uma profunda distribuição de terras, capaz de ampliar o mercado consumidor nacional” (ALMEIDA *apud* COTRIM, 2013, p. 208).

É em decorrência desse contexto político social que o repórter relaciona a atitude de Zé de dividir suas terras com os lavradores pobres com a defendida pelos partidos políticos que lutavam a favor da reforma agrária.

A esperteza e a falta de escrúpulos do jornalista é retratada durante toda a entrevista. Vemos que ele vai ludibriando Zé a responder suas perguntas de forma que ele possa criar uma grande história em cima do protagonista. Sempre antes de anotar as respostas do pagador de promessas ele fala o que está anotando: Rosa narra que seu marido dividiu o sítio, ele anota que Zé é a favor da reforma agrária; Zé diz que “cada um deve trabalhar no que é seu”, o repórter anota que ele “é contra a exploração do homem pelo homem”. Ao utilizar esses termos, o repórter cria um *ethos* de Zé que não corresponde à sua imagem verdadeira.

Essa estratégia de modificar o discurso de Zé é utilizada pelo repórter primeiro com a intenção de criar uma manchete sensacionalista, que chame a atenção do público e faça aumentar as vendas do jornal. Em segundo lugar, ele acredita que quanto mais enfeitar a história narrada mais ela poderá ser estendida, rendendo-lhe mais reportagens. Isso pode ser visto na tentativa dele em fazer de Zé candidato a vereador, oferecendo-lhe muitas vantagens para que o protagonista se mantivesse exclusivo de seu jornal. Essa atitude do repórter mostra que ele não se preocupa em momento algum com o sofrimento do protagonista e com a consequência disso na vida de Zé.

Mesmo diante da proposta do repórter, Zé se mantém firme, mostrando que sua única intenção é pagar sua promessa e voltar para a sua roça, tanto que o repórter lhe diz que vão organizar sua volta em carro aberto, banda de música e foguetes. Esses argumentos utilizados por ele para tentar convencer o protagonista a se manter exclusivo de seu jornal remetem à ideia de honra, pois somente pessoas que praticam grandes feitos ganham uma recepção dessa magnitude ao chegar a sua cidade. O repórter não percebe, contudo, que Zé não quer poder nem dinheiro, sonho de quase todas as pessoas após o advento do capitalismo; o único objetivo do pagador é garantir a vida de seu burro.

Ao observar o discurso do repórter, verificamos que ele não está interessado na real história de Zé, nem ao menos leva a sério sua promessa, seu único interesse é construir uma história extraordinária em cima da imagem do pagador, transformando-o em uma sensação momentânea.

ECO-REBEL

Isso trará muitos benefícios ao jornalista e mais uma vez o sofrimento de Zé é ignorado e colocado de lado.

Essa postura da imprensa perante o pagador vai contra os pressupostos da ADE, já que o jornal é um formador de opinião e, por possuir certo poder de manipulação, deveria defendê-lo, procurando divulgar sua história verdadeira para causar uma comoção social e ajudar o protagonista a conseguir a permissão da igreja para cumprir sua promessa, fato que ocorreria se a imprensa fosse uma instituição que cumprisse seu papel social na história de Zé.

Analisando os atos de interação comunicativa entre Zé e o repórter, percebe-se que se estabelece uma relação de amensalismo, uma vez que o repórter deturpa a entrevista do protagonista para se beneficiar, e, com isso, o leva à morte. Essa postura vai de encontro à ideologia da ADE, que propõe atitudes que tragam equilíbrio ao ecossistema, ao pensar somente em se favorecer o repórter desencadeou uma entropia na vida de Zé e dos demais personagens que o apoiavam.

Recorte 4:

DELEGADO: Seus documentos.

ZÉ: (Estranha) Documentos?...

DELEGADO: Carteira de identidade.

ZÉ: Moço, eu só vim pagar uma promessa. Santa Bárbara me conhece, pra quê carteira de identidade?

DELEGADO: (Com ironia) Pagar uma promessa... Pensa que somos idiotas.

SECRETA: Não demora e ele conta a história do burro...

DELEGADO: Ele vai contar essa história, mas é na delegacia. Vamos acompanhe-me.

ZÉ: Não posso. Não posso sair daqui.

DELEGADO: Não pode por quê?

MESTRE COCA: Promessa, seu Delegado.

DELEGADO: Ninguém pediu sua opinião. O Padre disse que ele já até ameaçou invadir a igreja.

SECRETA: Eu mesmo vi ele dizer que ia jogar uma bomba.

DELEGADO: Uma bomba?... Eu quero que o senhor me explique isso tudo direitinho. Vamos até a delegacia.

SECRETA: (Segurando o braço de Zé) Vamos!

ZÉ: (Puxando o braço bruscamente) Me deixa!

SECRETA: Vai reagir?

DELEGADO: Se reagir vai ser pior.

ZÉ: Os senhores devem estar enganados. Sou um homem pacato, só vim pagar uma promessa. (Aponta para o Padre) Está aí o seu vigário que pode dizer se é mentira.

PADRE: É mentira sim. E não somente mentira, também um sacrilégio.

ZÉ: Padre, o senhor não pode dizer que é mentira, que eu não fiz essa promessa.

PADRE: Sim, talvez tenha feito, por inspiração de Satanás!

DELEGADO: Padre, este homem...

PADRE: Este homem teve todas as oportunidades para arrepender-se. Deus é testemunha de que fiz todo o possível para salvá-lo. Mas ele não quer ser salvo. Pior pra ele.

DELEGADO: Sim, pior pra ele.

ECO-REBEL

Zé: Não! Ninguém vai me levar preso! Não fiz nada pra ser preso!

DELEGADO: Se não fez não tem o que temer, será solto depois. Vamos! Leve este homem.

DEDÉ: Não caia nessa, meu camarada.

ROSA: Não Zé, não vá.

ZÉ: (Com uma faca na mão) Só morto me levam daqui. Juro por Santa Bárbara, só morto.

MESTRE COCA: Ele não vai sair daqui. E aqui vocês não vão prender ninguém.

ROSA: Zé...

ZÉ: Me deixe, Rosa! Não venha pra cá!

SECRETÁ: (Ao ver o Padre se aproximando de Zé pelas costas) Cuidado, Padre! (O Padre dá uma pancada no braço de Zé, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça. Zé corre e abaixa-se para pegá-la. A polícia aproveita e cai sobre ele e os capoeiristas caem sobre a polícia. Instaura-se a confusão até que se ouve um disparo. A multidão forma uma roda ao redor de Zé do Burro, que está caído morto ao lado da cruz.)

O Recorte 4 é o último fluxo interlocucional em que o protagonista estará vivo; o desenrolar desse diálogo resultará na morte do pagador. O delegado vem falar com Zé logo após conversar com o Secreta e com o padre Olavo, o que faz com que ele já venha com uma opinião formada sobre a situação. Isso se comprova com a resposta dada ao protagonista, pois, quando afirma que não havia levado documento porque só tinha ido pagar uma promessa o delegado diz: “(Com ironia) Pagar uma promessa... Pensa que somos idiotas”. O lexema “idiota” é utilizado como sinônimo de pessoa estúpida, ignorante, fácil de ser enganada. Diante disso, percebemos que o delegado tem certeza da culpa de Zé, não restando dúvida, para ele, de que o protagonista é mesmo um agitador social.

Outro fato que reforça a desconfiança do delegado em relação às intenções de Zé do Burro é o de ele não haver levado documentos, pois é natural que todas as pessoas que viajam grandes distâncias estejam de posse de seus documentos de identificação, e os que não o fazem, na maioria das vezes, são pessoas mal intencionadas. Em decorrência disso, o delegado vai acreditar que o pagador de promessas realmente é um agitador, já que, caso estivesse falando a verdade, apresentaria seus documentos.

Essa certeza será confirmada, mais uma vez, pelos relatos de outros personagens, visto que o Padre vai relatar-lhe que Zé tentou invadir a igreja e o Secreta vai dizer que ele ameaçou jogar uma bomba, argumentos esses que aumentam a culpabilidade do protagonista diante do delegado. Nesse sentido, a postura da polícia será a de reprimir Zé sem ao menos ouvi-lo ou deixá-lo se explicar, caindo naquela expressão popular que diz “que primeiro a polícia bate para só depois ouvir quem é realmente culpado”.

ECO-REBEL

A análise do discurso ecossistêmica é contra essa postura violenta da polícia, que cerceia os direitos dos cidadãos por meio da força. Ademais, se posiciona contrária à atitude do padre, que alega ser mentira que o protagonista tenha vindo pagar sua promessa, fato que o líder religioso sabe ser verdade. Nesse momento, o clérigo tinha a chance de salvar o protagonista, mas, para livrar-se do problema, decide não ajudá-lo, indo contra os deveres de sacerdote descritos por ele próprio, especialmente o de “zelar pela glória de Deus e a felicidade dos homens”.

Na tentativa de forçar Zé do Burro a acompanhar-lhes até a delegacia, começa uma confusão em que os policiais entrarão em confronto físico com os capoeiristas que estão defendendo o pagador. Esse confronto vai resultar no que a ADE chama de sofrimento físico máximo, ou seja, a morte.

Zé é exposto a todos os níveis de sofrimento ao longo da história: ao sofrimento físico de percorrer sete léguas carregando uma cruz pesada, de ficar com os ombros na carne viva, além de passar toda a sua jornada sem alimentar-se. Ele também é exposto ao sofrimento mental de passar o dia angustiado por não poder cumprir sua promessa e da pressão de não poder efetuar sua promessa, atraindo para si a ira da Santa, além do sofrimento social de ter a vida exposta a todos que passavam na rua e de colocarem em dúvida o seu caráter.

A polícia é também culpada pelo sofrimento do protagonista, já que o expõe ao sofrimento mental de se sentir pressionado e sem saída; ao sofrimento social, ao tentar prendê-lo como um bandido na frente de todos; e ao sofrimento físico de maior grau, a morte.

Considerações Finais

A partir da análise das interações comunicativas constatamos que a intolerância religiosa no filme “O pagador de promessas” conduz ao sofrimento por meio das interações de tipo interespecíficas desarmônicas de competição, de amensalismo e de predatismo.

As relações de competição se dão entre Zé, que simbolicamente representa as minorias religiosas, e a Igreja Católica. Na obra fílmica percebe-se que durante os fluxos interlocucionais protagonizados pelos representantes da igreja, eles se sentem ameaçados pelas minorias religiosas que são representadas pela figura de Zé do Burro e sua promessa, uma vez que o protagonista através de sua promessa pode arrebanhar os fiéis da religião cristã para o candomblé, o que implicaria no fim da igreja católica por falta de recursos de sobrevivência, isto é, por falta de membros.

ECO-REBEL

Em decorrência dessa competição, o protagonista sofre por não conseguir permissão para adentrar a igreja e cumprir seu voto, e os padres, também, sofrem por acreditarem que sua religião está ameaçada pela promessa de Zé.

O amensalismo na obra é protagonizado entre Zé e o repórter, pois este deturpa todas as respostas dadas por Zé do Burro durante a entrevista no intuito de vender mais jornais, o que acarreta a associação do pagador de promessas ao ideário comunista, fato que contribui para que a polícia acredite que ele é um agitador social e tente prendê-lo, o que resulta na morte do pagador. Percebe-se, então, que Zé é prejudicado nessa relação com o repórter, uma vez que é morto. Contudo, observa-se que o repórter não sofre nenhum prejuízo em decorrência disso.

As inter-relações de predatismo, na obra fílmica, se dão entre Zé do Burro e a polícia, pois é na interação entre eles que o protagonista é morto. A polícia na obra tem o mesmo significado simbólico do monstro, uma vez que ela tem a função de impedir o herói de adentrar o centro e completar sua jornada, ou seja, na obra a polícia mata o pagador na tentativa de impedir que esse entre na igreja e cumpra sua promessa, o que leva o pagador a vivenciar o sofrimento físico máximo, a morte.

Com a investigação dessas inter-relações interespecíficas desarmônicas, a partir das categorias interpretativas de análise da Análise do Discurso Ecológica, concluímos que elas são resultantes das disjunções culturais e da não aceitação da diversidade cultural e religiosa, que causam a entropia na obra fílmica.

Referências Bibliográficas

COTRIM, Gilberto. *História global: Brasil e geral* – 3. São Paulo: Saraiva, 2013.

COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do Discurso ecológica – (ADE)*. Campinas: Pontes Editores, 2015. (Coleção Linguagem e Sociedade, v. 9).

JENSEN, Tina Gudrun. *Discursos sobre as religiões afro-brasileiras: da desafrikanização para a reafrikanização*. REVER – Revista de Estudos da Religião. n. 1, p. 1-21, 2001.

ECO-REBEL

MACHADO e SILVA, Lais Carolina. O discurso político de Marina Silva sob a perspectiva da análise do discurso ecológica. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás, 2016.

Aceito em 15/01/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 1, 2020.